

EVOLUÇÃO SINÉRGICA ENTRE EDUCAÇÃO E URBANIZAÇÃO

Letícia Peret Antunes Hardt

Pesquisadora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU), Coordenadora Geral do Laboratório de Paisagem (LabPais) e Professora Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

<http://lattes.cnpq.br/0732134873966902>

<https://orcid.org/0000-0002-6661-0050>

E-mail: l.hardt@pucpr.br

Carlos Hardt

Pesquisador Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana (PPGTU), Coordenador Adjunto do Laboratório de Paisagem (LabPais) e Professor Titular do Curso de Arquitetura e Urbanismo (CAU) da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

<http://lattes.cnpq.br/5024605265137208>

<https://orcid.org/0000-0003-2240-3436>

E-mail: c.hardt@pucpr.br

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2026.01>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2026.01-45>

RESUMO: A problemática investigativa é relacionada à insuficiência de reconhecimento analítico sobre a relevância do entendimento de trajetórias pretéritas em âmbitos tanto educacionais quanto urbanísticos, o que, eventualmente, inviabiliza a prevenção da repetição de falhas estruturais no desenvolvimento de cidadãos e cidades. Nesse contexto, o estudo, elaborado com base em métodos e técnicas de revisão de fontes secundárias, tem o objetivo geral de interpretar as transformações inter-relacionadas daqueles processos, considerando períodos históricos característicos. Os resultados resgatam experiências do passado, desde a Pré-História até as Idades Antiga, Média e Moderna, diagnosticam realidades do presente e prognosticam perspectivas para o futuro. Conclui-se, então, pela necessidade de assimilação de lições pretéritas e ensinamentos atuais para a produção de diretrizes não somente sinérgicas, mas também positivas da educação e da urbanização.

PALAVRAS-CHAVE: Procedimentos educacionais. Processos urbanísticos. Lições do passado. Realidades do presente. Perspectivas do futuro.

SYNERGISTIC EVOLUTION BETWEEN EDUCATION AND URBANIZATION

ABSTRACT: The investigative problematic is related to the insufficient analytical recognition of the relevance of understanding previous trajectories in both educational and urban settings, which eventually hinders the prevention of repeating structural failures in the development of citizens and cities. In this context, the study, based on methods and techniques of secondary source review, has the general objective of interpreting the interrelated transformations of those processes, considering characteristic historical periods. The results recover experiences from the past, ranging from Prehistory to the Ancient, Medieval, and Modern Ages, diagnose present realities, and forecast perspectives for the future. It is concluded, therefore, that there is a need to assimilate

past lessons and current teachings to produce guidelines that are not only synergistic but also positive for education and urbanization.

KEYWORDS: Educational procedures. Urban processes. Past lessons. Present realities. Future perspectives.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A **problemática investigativa** abordada é relacionada à insuficiência de reconhecimento analítico sobre a relevância do entendimento de trajetórias pretéritas em âmbitos tanto educacionais quanto urbanísticos, o que, eventualmente, inviabiliza a prevenção da repetição de falhas estruturais no desenvolvimento de cidadãos e cidades (Hardt; Hardt, 2026). Essa condição delimita a **temática central** do estudo, o qual foi elaborado com base em métodos e técnicas de revisão de fontes secundárias, tendo o **objetivo geral** de interpretar transformações de sinergias entre processos de educação, a partir do desenvolvimento do próprio ser humano, e de urbanização, considerando períodos históricos característicos. Dessa maneira, a análise é exposta desde a Pré-História e idades Antiga, Média, Moderna e Contemporânea, até o Futuro, com vistas ao resgate de experiências do passado, ao diagnóstico de realidades do presente e ao prognóstico de perspectivas para o futuro.

Desde a sua origem, o ser humano organizou as suas atividades em consonância com características da natureza, com foco na sua própria sobrevivência, sendo o aprendizado desencadeado por transmissão oral e prática, de modo individual e comunitário. Assim, a **educação**, desde os seus primórdios, pode ser entendida como processo intencional e teleológico de formação em múltiplas dimensões, envolvendo tanto a transmissão de conhecimentos quanto a construção de competências e socialização em diversos contextos (Cohen, 2021).

Os espaços de convivência humana, transformados a partir do meio natural em ambientes organizados de acordo com demandas e interesses coletivos, foram gradualmente configurando a cidade – reconhecida como uma das maiores criações da humanidade (Bosker, 2022). Entendida simultaneamente como dinâmica territorial e como expressão social, econômica e institucional (Oyeleye; Bigon, 2026), a **urbanização** tem ocasionado alterações profundas na paisagem e pressões significativas sobre o

ambiente, o que demanda avanços de conhecimento para a mitigação de seus efeitos deletérios, produzidos desde tempos muito remotos.

PRÉ-HISTÓRIA

A Era Pré-histórica ocorreu até 3000 a.C., quando do surgimento da escrita, e foi originada na Idade da Pedra, com início pelo Período Paleolítico, quando o nomadismo humano forçou a aprendizagem prática de adaptação às condições impostas pela natureza. Subsequentemente, o Período Neolítico foi marcado pelo sedentarismo, quando a experimentação de atividades agrícolas fixou o ser humano em determinados locais, sendo, assim, estabelecidos os primeiros espaços com características “urbanísticas”, representados pelas aldeias (Hardt; Hardt, 2026). Também as paisagens passaram a ser marcadas por monumentos ou construções similares, demonstrando traços de formação paulatinamente mais especializada.

Conforme Mumford (2010[1961]), houve dois momentos decisivos nesse decurso ancestral. O primeiro correspondeu à chamada “Revolução Agrícola”, geradora de excedentes da produção da agricultura, que reforçaram o sedentarismo e originaram, em um primeiro estágio, os agrupamentos móveis (“protocidades”), enquanto o segundo abarcou a intitulada “Revolução Urbana”, marcada pela diferenciação ordenada do meio, pela divisão social de funções, pela especialização de atividades e pela criação de locais de escambo de produtos. A necessidade de proteção de áreas internas, na época propiciada por paliçadas – estacas de madeira fincadas no solo – ou palafitas – pilares do mesmo material para sustentação de planos sobre a água –, exemplifica aprimoramento de saberes que constituem prática cultural adotada ao longo do tempo e ainda presente atualmente. No final da Pré-História, ocorreu a Idade dos Metais, marcada por acentuado “desenvolvimento”, com significativos resultados educacionais e urbanísticos para a época (Mumford, 2010[1961]).

Em síntese, essas aglomerações humanas pré-históricas estabeleciam relações diretas com a natureza, aproveitando a proximidade de corpos d’água e a disponibilidade de recursos naturais para proteção contra intempéries e uso imediato para subsistência humana e construção de moradias e outras instalações. Em geral, eram desenvolvidas de

modo concêntrico em torno de um núcleo central, disposição que se tornou recorrente em diversas sociedades, persistindo até hoje sob a modalidade de centralidades urbanas. Com o início da vida nessas urbes pré-históricas, houve o aprendizado comunitário e a prevalência da chamada “ordem técnica”, em substituição à precedente “ordem moral” (Mumford, 2010[1961]), fortalecendo bases para o progresso da educação e da urbanização. Em paralelo, nesses núcleos de referência houve a consolidação da própria sociedade, na busca de simetrias sociais.

IDADE ANTIGA

Na Antiguidade, entre 3000 a.C., quando do surgimento da escrita, e 467 d.C., quando da queda do Império Romano do Ocidente (mais especificamente de Roma), a agricultura se tornou a principal atividade produtiva. A anterior Idade dos Metais propiciou significativos aprimoramentos na transformação de materiais, inclusive com a cunhagem de moedas para facilitar trocas comerciais, envolvendo diferentes localizações geográficas, resultando, ao mesmo tempo, em câmbios culturais significativos entre comunidades espalhadas pelo globo (Hardt; Hardt, 2026). Decorrentemente, a educação foi consolidada como prática institucionalizada para algumas sociedades, sendo essencialmente ligada às religiões, ao Estado e às elites (Marrou, 2017[1948]).

Essas civilizações antigas podem ser organizadas em três grandes conjuntos: ocidentais, orientais e centrais. No caso das primeiras, estudos elaborados por povos incas, maias e astecas da América Pré-Colombiana conduziram à adaptação das cidades às características do relevo, produzindo soluções em curvas de nível para terrenos acidentados e traçados geométricos em regiões planas. A educação privilegiava conhecimentos astronômicos, agrícolas e militares, além da formação espiritual e social (Educar História, 2025).

Nas Civilizações Orientais, o crescimento urbano ocorreu mais tardiamente, em razão da economia fortemente vinculada às atividades agrícolas. No exemplo de antigas cidades chinesas, havia a adoção de traçados ortogonais de quadras, em contraste com áreas abertas, nas quais havia valorização dos elementos naturais, resultante dos

relevantes, e ainda vigentes, princípios educativo-filosóficos de referência à natureza, focados em moralidade, disciplina e espiritualidade (Benevolo, 2019[1980]).

Nas Civilizações Centrais, são encontradas as cidades mais antigas do mundo. Na Mesopotâmia, havia escolas de escribas e foco em escrita cuneiforme, matemática e leis, além da preparação de burocratas (Marrou, 2017[1948]). Sob esse contexto educacional, a severidade das características do clima local estimulou a instrução para construção de modelo urbano fortemente dependente da irrigação, com recursos urbanísticos fundados na racionalidade e soluções arquitetônicas baseadas em lajes planas e áreas verdes suspensas (Benevolo, 2019[1980]). Essas últimas estratégias, voltadas ao conforto ambiental, foram reconhecidas como uma das sete maravilhas da Antiguidade e ainda hoje representam alternativa para mitigação das mudanças climáticas contemporâneas (Hardt; Hardt, 2026).

No Egito, a educação era voltada a escribas e sacerdotes, havendo domínio da escrita hieroglífica, ensino em templos, forte ligação com religião e administração estatal para desenvolvimento cultural (Marrou, 2017[1948]). Pela forte influência espiritual, eram reservadas, nas urbes egípcias, áreas sagradas em escala “metafísica”, com monumentos simbólicos que marcaram a paisagem.

O desenho geométrico, orientado por ritmo, proporção e equilíbrio, organizava espaços abertos com linguagem arquitetônica própria (Benevolo, 2019[1980]). Este momento no Egito é marcado por acentuado desenvolvimento cultural.

Os princípios egípcios foram reinterpretados pelos gregos, que, desta feita, planejaram seus espaços urbanos com escala humana, em áreas elevadas (destinadas ao sagrado) e baixas (voltadas ao uso privado e público), nas quais se destaca a “ágora”, ou seja, a praça configurada como núcleo político e cultural (Mumford, 2010[1961]). Em perspectiva diversificada, havia formação tanto militar, embasada na disciplina, quanto intelectual, retórica e filosófica, com surgimento da escola como espaço de reflexão, inclusive para a cidadania (Marrou, 2017[1948]).

Por sua vez, os romanos preconizaram a educação prática, militarista e jurídica, com preparação de administradores, mas com influência grega na filosofia, sendo relevantes os cursos de gramática e retórica para elites (Marrou, 2017[1948]). Nesse

contexto, estruturaram seus centros em traçados ortogonais, articulados regionalmente por vias principais, reforçando a noção de rede urbana. Nos ambientes abertos, predominavam elementos arquitetônicos, com vegetação moldada em formas regulares, evidenciando a centralidade humanística (Benevolo, 2019[1980]; Hardt; Hardt, 2026).

Em resumo, assim como os agrupamentos humanos pré-históricos, os centros urbanos da Antiguidade foram localizados próximos a cursos d'água e terrenos férteis, sendo a topografia determinante da sua instalação. A despeito das limitações naturais, o desenho das cidades refletia intensamente valores culturais, sobretudo a religiosidade, com espaços altos (considerados consagrados) e baixos (voltados à vida cotidiana e privada). Independentemente da posição geográfica – ocidental, oriental ou central – predominavam traçados regulares, ainda prevalentes na atualidade. Com o crescimento demográfico e a ampliação dos núcleos urbanizados, houve expansão de técnicas urbanísticas, sendo comum a presença de muros protetivos em torno das urbes.

Com gradativa institucionalização das atividades educacionais, foram gerados modelos diferenciados conforme cada civilização (Marrou, 2017[1948]). Mesmo com o desenvolvimento da educação e da urbanização, as cidades foram basicamente construídas por mão de obra escrava, revelando as importantes desigualdades sociais do período.

IDADE MÉDIA

A Era Medieval transcorreu de 476, quando da queda do Império Romano do Ocidente a 1453, quando da queda Império Romano do Oriente (mais especificamente de Constantinopla). Durante este extenso interstício temporal marcado por invasões bárbaras na Europa e regiões vizinhas, foi produzido um primeiro processo de desurbanização (Mumford, 2010[1961]), motivado pela fuga de habitantes das cidades em busca de locais mais protegidos contra saques. Nessas circunstâncias, foram formadas comunidades reduzidas, com evidente separação entre espaço urbano e área rural, em uma época regida pelo sistema feudal. Ao mesmo tempo, o forte poder eclesiástico instaurou vários processos de inquisição, gerando temor entre os cidadãos (Shaw; Hampejs; Zbiral, 2026).

Com a sobrevivência humana como prioridade e com as restrições impostas pelas ordens religiosas posicionando os templos no centro da convivência coletiva, ocorreu relevante retrocesso de técnicas urbanísticas e de práticas educacionais. A urbanização medieval pode ser associada a três fenômenos principais: continuidade das cidades antigas, cada vez mais adensadas; expansão dos burgos, em conformações orgânicas; e surgimento de feiras espontâneas em entroncamento de vias rurais, muitas vezes controladas contra pilhagens, sendo a proteção fundamental em todos os espaços urbanizados (Benevolo, 2019[1980]).

Por sua vez, o ensino foi quase que exclusivamente voltado à formação religiosa e moral, sendo monges e clérigos os principais educadores, com mosteiros e catedrais constituindo centros de conhecimento. A maioria da população restava analfabeta, apesar do surgimento de universidades e do início da estrutura curricular formal (Bella, 2024).

Problemas decorrentes das insatisfatórias condições de insalubridade generalizada promoveram um segundo processo de desurbanização (Mumford, 2010[1961]), marcado pela elevada mortalidade de pessoas, decorrente das precárias condições sanitárias e da debilidade dos cuidados de saúde coletiva. Mesmo assim, certos períodos merecem realce, como o Românico, determinado pela organização geométrica e simétrica das estruturas; o Árabe, definido pela sobriedade das fachadas em contraste com a riqueza dos ornamentos internos; e o Gótico, caracterizado por templos grandiosos, cuja verticalidade dominava intensamente a paisagem (Hardt; Hardt, 2026).

Como sùmula, os núcleos medievais, de porte reduzido e protegidos por muralhas e fossos, apresentavam desenho espontâneo, definido por traços irregulares e aspecto labiríntico, frequentemente empregado como recurso para desorientação de eventuais invasores. O centro principal, geralmente ocupado por praças que retomavam sua função mercantil e por templos religiosos, também revelava o elevado grau de degradação ambiental típico desse momento histórico (Pirene, 2014[1927]). Atualmente, persistem desafios similares.

Em associação à precariedade de aspectos ambientais, a seletividade da educação potencializou a ignorância de princípios sanitários, maximizando a mortalidade dos cidadãos. Esse fato aponta novamente para fortes desigualdades sociais.

IDADE MODERNA

Em contraposição ao período medieval, caracterizado pela relativa desvalorização da vida, as preocupações da Era Moderna, registrada de 1453, quando da queda do Império Romano do Oriente, a 1789, quando da queda da Bastilha (marco da Revolução Francesa), passaram a refletir questões educacionais e urbanísticas. Nesse intervalo histórico, o poder retornou aos reis, de maneira absoluta, e ocorreram as grandes navegações, propulsoras do fenômeno do colonialismo (Benevolo, 2019[1980]).

Na fase inicial dessa era, o movimento do Renascimento gerou profundas transformações culturais, na transição do feudalismo para o capitalismo, com impactos significativos nas artes e nas ciências (Palmer, 2025). O processo educacional passou por mudanças acentuadas, incentivadas pela Reforma Protestante e pelo fortalecimento dos Estados nacionais. Nessa conjuntura, o saber deixou de ser monopolizado pela religião católica e passou a valorizar a razão e a cidadania, com o racionalismo inspirado em antigos modelos greco-romanos. O ser humano foi novamente considerado como polo das atenções e a rua foi revalorizada para a qualificação urbano-paisagística (Hardt; Hardt, 2026).

Representativa desta época, a denominada “cidade estrela” apresentava organização regular, com elementos proporcionais e vias irradiantes de pontos centrais, geralmente compostos por praças ou estruturas monumentais (Benevolo, 2019[1980]). O planejamento dos espaços abertos seguia princípios construtivos, aplicando, de maneira sistemática, as ordens clássicas. Os jardins eram concebidos em harmonia com as edificações, privilegiando a composição de linhas retas, pontos de ampla visualização cênica e aproveitamento das variações topográficas. Os elementos construídos predominavam em grande quantidade, enquanto os componentes vegetais permaneciam subordinados ao desenho arquitetônico (Hardt; Hardt, 2026).

Na sequência histórica, o movimento do Barroco manteve padrões similares, mas com maior dinamismo por meio da expressão da designada “cidade-cenário”, que suavizou a rigidez da simetria em benefício da expressão criativa (Benevolo, 2019[1980]). Essas características também são derivadas da própria liberdade educacional do período.

No Brasil da Era Moderna, a urbanização colonial ocorreu ao longo da faixa costeira, com três matrizes principais na formação das cidades: aquelas originadas em aldeamentos indígenas, estruturadas em torno da praça central, conhecida como “largo da matriz”; os núcleos estratégicos, com malhas irregulares resultantes da ocupação de terrenos íngremes; e os centros relativos a ciclos econômicos, com o estilo arquitetônico barroco sobreposto a traçados medievais. Também se destacavam povoados de tecidos urbanos homogêneos associados ao tropeirismo, derivados de pousos e encruzilhadas (Santos, 2015[1965]).

Como sinopse, com o passar do tempo na Europa, as muralhas perderam a função defensiva e foram gradualmente removidas. Nesse cenário de valorização urbana, foi desenvolvido intenso processo de recuperação ambiental das áreas urbanizadas (Hardt; Hardt, 2026). As requalificadas vias de traçado radial tendiam a centros de referência.

Com incentivo às artes, filosofia e ciências, a valorização cultural e o reforço da ideia de formação integral do ser humano promoveram a expansão da alfabetização e o fortalecimento da educação popular. O ensino foi, desse modo, voltado à observação, experimentação e método científico, com crescente papel dos Estados na organização da instrução, influenciada por diversos pensadores do Iluminismo (Dupré, 2008[2004]). Apesar de todo esse florescimento, a ocorrência da Revolução Francesa denuncia a permanência de expressivas desigualdades sociais.

IDADE CONTEMPORÂNEA

A era atual inicia justamente com esse movimento revolucionário em 1789. Os ideais iluministas ampliaram o pensamento crítico para diversas áreas do saber e promoveram relevantes transformações socioculturais, com impulsão da Revolução Industrial, conformando a Era da Máquina ou Sociedade da Indústria, consolidada como o principal agente de alterações irreversíveis na educação e na urbanização. Nem as grandes guerras mundiais e as expressivas crises econômicas impediram o desenvolvimento tecnológico, caracterizando a subsequente Era do Conhecimento ou Sociedade da Informação (Choay, 2014[1965]).

A inserção das indústrias no interior das áreas urbanizadas gerou diversos níveis de degradação ambiental, mas, durante o movimento do Romantismo, foram retomadas expressões sentimentalistas e naturalistas, estruturando a dita “cidade orgânica”, fortemente influenciada pela estética oriental, com retorno da referência à natureza, ampliado pela utilização reduzida de construções e valorização de espaços abertos de desenho livre e sinuoso, especialmente em praças e parques (Benevolo, 2019[1980]; Hardt; Hardt, 2026).

Entretanto, esse movimento não foi suficiente para o controle da superpopulação e da sub-habitação, ainda mais diante do acentuado fenômeno da metropolização. Desde o início do século XX, ocorreram modificações paradigmáticas, advindas da evolução educativo-científica e de perspectivas estético-elitistas e estratégico-higienistas (Choay, 2014[1965]).

Nesse cenário, a educação foi consolidada como direito universal, vista como instrumento de cidadania, desenvolvimento social e inovação tecnológica (Chakroun; Larsen, 2026). Por sua vez, a urbanização adquiriu múltiplas facetas, desde as dirigidas à justiça socioespacial e embasadas em planos diretores participativos, com foco em realidades locais, até as direcionadas à projeção das cidades em escala global (Hardt; Hardt, 2026).

Em suma, a cidade contemporânea tem traçado diversificado e é sujeita a significativos fatores de degradação ambiental. Como a área central não mais atende satisfatoriamente a toda a população, a estrutura urbanística tende a ser polinuclear, com várias centralidades. Há, também, forte tendência à insegurança dos cidadãos em espaços públicos e privados. Ainda que haja expansão escolar, evolução pedagógica e educação tecnológica, subsistem sérias desigualdades sociais, intra e interurbanas.

FUTURO

Mais que certezas, muitas dúvidas prevalecem em relação a tempos vindouros. Quanto à educação, resta a indagação se diferenciadas abordagens de integração tecnológica, competências socioemocionais, aprendizagem contínua e muitas outras de

caráter pedagógico minimizarão as desigualdades socioeconômicas, sobretudo em cidades.

Quanto à urbanização, permanece a pergunta se diferentes tipos de cidades resolverão os problemas socioambientais das comunidades urbanas. Esse questionamento é mais preocupante em relação àquelas relegadas a segundo plano no âmbito de processos educativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identifica-se, portanto, que se a Pré-História permitiu a formação da sociedade e estabeleceu manifestações ainda basilares para o cidadão contemporâneo, é necessário recordar que várias experiências do passado em termos de “desenvolvimento” da educação e da urbanização foram sustentadas por sistemas socioculturais questionáveis, como a escravidão na Antiguidade, a servidão na Idade Média e o absolutismo de reis e nobres na Era Moderna.

O diagnóstico de realidades do presente indica que, não obstante os avanços técnico-tecnológicos da sociedade contemporânea nas últimas décadas, certos desafios históricos remanescem, ainda que sob perspectivas diferenciadas, estimulando dinâmicas que impactam deletariamente o próprio aprimoramento educacional e urbanístico.

Essas considerações remetem à conclusão sobre a necessidade da visão retrospectiva de assimilação de lições pretéritas e ensinamentos atuais para a produção de diretrizes sinérgicas para a melhoria do prognóstico de perspectivas para o futuro.

REFERÊNCIAS

BELLA, Majini Jes K. Education system in Medieval period - the impact of Scholasticism on Medieval learning. **International Journal of Multidisciplinary Research in Arts, Science and Technology**, Ludhiana, Punjab, IN: Surya, v.2, n.2, p.17-22, 2024. <https://doi.org/10.61778/ijmrast.v2i2.39>.

BENEVOLO, Leonardo. **História da cidade**. Tradução de Silvia Mazza. 7.ed. São Paulo, SP, BR: Perspectiva, 2019. (Título original: Storia della città. Bari, IT: Laterza, 1980). ISBN 978-8527311465.

BOSKER, Maarten. City origins. **Regional Science and Urban Economics**, Amsterdam, NL: Elsevier, v.92, n.103677, p.1-9, 2022. <https://doi.org/10.1016/j.regsciurbeco.2021.103677>.

CHAKROUN, Borhene; LARSEN, Peter Bille. The future of the right to education in an evolving world. **Frontiers in Education**, Lausanne, CH: Frontiers Media, v.11, n.1770202, p1-4, 2026. <https://doi.org/10.3389/educ.2026.1770202>.

CHOAY, Françoise. **L'Urbanisme: utopies et réalités – une anthologie**. Paris, FR: Points Essais [Seuil], 2014[1965]. ISBN 978-2757844397.

COHEN, Barry. What is “Education”? In: CHAZAN, Barry. **Principles and pedagogies in Jewish education**. Cham, CH: Palgrave Macmillan Cham, 2021, p.13-21. ISBN 978-3030839246.

DUPRÉ, Louis. **The Enlightenment and the intellectual foundations of Modern culture**. ed.rev. New Haven, CT, US: Yale University Press, 2008[2004]. ISBN 978-0300113464.

EDUCAR HISTÓRIA. **Povos originários da América**. 2025. Disponível em: <https://educarhistoria.com.br/povos-originaarios-da-america-resumo-cultura-historia-e-resistencia/>. Acesso em: 19 maio 2026.

HARDT, Leticia Peret Antunes; HARDT, Carlos. Historical-artistic approach to the city for urban management: A didactic-pedagogical experience at the stricto sensu level. In: 8th Interdisciplinar and Virtual Conference on Arts in Education – CIVAE, Madrid, ES, 2026. **Electronic Proceedings [...]**. Madrid, ES: Adaya, 2026, p.266-271. <https://adayapress.com/wp-content/uploads/2026/04/CIVAE2026.pdf>.

MARROU, Henri-Irénée. **História da educação na Antiguidade**. Tradução de Mário Leônidas Casanova. São Paulo, SP, BR: Kíron, 2017. (Título original: Histoire de l'éducation dans l'Antiquité. Paris, FR: Éditions du Seuil, 1948). ISBN 978-8594090034.

MUMFORD, Lewis. **The city in history: Its origins, its transformations, and its prospects**. New York, NY, US; Boston, MA, US: Mariner [Harcourt, Brace & World], 2010[1961]. ISBN 978-1567312119.

OYELEYE, Oyewale; BIGON, Liora. The evolution of sustainable urbanization and urban informality over the past 25 years: A bibliometric analysis. **GeoJournal**, Dordrecht, NL: Springer, v.91, n.90, p.1-30, 2026. <https://doi.org/10.1007/s10708-026-11642-3>.

PALMER, Ada. **Inventing the Renaissance: The myth of a Golden Age**. Chicago, IL, US: University of Chicago Press, 2025. ISBN 978-0226837970.

PIRENE, Henri. **Medieval cities: Their origins and the revival of trade**. Princeton, NJ, US: Princeton University Press, 2014[1925]. ISBN 978-1400851201.

SANTOS, Paulo Ferreira. **Formação de cidades no Brasil Colonial**. 3.ed. Rio de Janeiro, RJ, BR: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2015[1965]. ISBN 978-8571084094.

SHAW, Robert L. J.; HAMPEJS, Tomáš; ZBÍRAL, David. Narratives of religious dissidence in medieval inquisition records: Computing the representation and sequencing

HARDT, L.P.A.; HARDT, C. Evolução sinérgica entre educação e urbanização. Palestra. **Anais – V Congresso Nacional de Educação na Contemporaneidade**, Natal/RN, v. 3, n. 1, p. 85-97, mai. /2026.

of crimes in Peter Seila's register of sentences (1241–2). **Historical Research**, Oxford, EN, UK: Oxford University Press, v.99, n.284, p.235-258, 2026. <https://doi.org/10.1093/hisres/htaf030>.

Submissão: abril de 2026. Aceite: abril de 2026. Publicação: maio de 2026.